

Chalet's: A Moradia da Classe Trabalhadora Pelotense de 1920-1924 e Uma Breve História da Segregação.

BRUNNO MELO MOLINA¹; **ANELISE SOARES FERREIRA²**; **ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA³**; **FRANCIELE FRAGA PEREIRA⁴**

*Universidade Federal de Pelotas– brunnomolina@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas– anelise_s_ferreira@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas– alinemontagna@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas– franfragap@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A década de 1920 representou, tanto na arquitetura quanto na sociedade pelotense, um momento decisivo de transformações. Nesse período, Pelotas se viu diante de um impasse entre os novos avanços tecnológicos na área da indústria, construção e o retrocesso, refletido nas políticas de higienização urbana que causavam segregação social, promovidas pelo governo municipal.

No início de século, e ainda na década de 20, ideologias de branqueamento da população como solução para o “excedente” da população indígena, mestiça e preta ganharam muita força e foram adotadas pelo governo (NASCIMENTO, 1978). Essa política passou a incentivar a imigração de europeus (no caso de Pelotas fala-se principalmente de italianos, portugueses e alemães) para trabalhar nas novas indústrias e na lavoura, e esses trouxeram consigo da Europa sua cultura e seu modo de construir.

Nesse contexto, as atividades industriais passam por um crescimento tanto da produção, quanto do capital investido, e essa passa a ocupar um posto definitivo na economia local, gerando uma série de alterações no espaço. Entre essas, o êxodo rural com crescimento da população urbana e o surgimento de um operariado formado por pessoas de baixa renda (muitas vezes imigrantes).

Assim, ocorreu a ampliação da cidade ao longo da Av. Duque de Caxias, ao norte da Av. Bento Gonçalves e a leste da rua Almirante Barroso, consolidando novos assentamentos urbanos periféricos na cidade e disseminando habitações para a população de menor poder aquisitivo. A ocorrência de vilas operárias (GILL, 2004) e loteamentos (CRUZ, 1982) eram comuns nesses novos espaços, além de um tipo construtivo conhecido como “*Chalet*”.

Essas edificações consistiam em casas populares de madeira que trouxeram consigo a influência européia herdada dos imigrantes (SCHLEE, 1993). Conforme Cruz (1982) observou, essas habitações eram mais economicamente viáveis, o que as tornava a escolha predominante para pessoas de baixa renda e trabalhadores. Esse tipo construtivo começou a se espalhar pelas áreas periféricas da cidade, afastando-se do centro urbano e se estabelecendo em regiões industriais ou nas vilas operárias ao longo do eixo da Fragata (MOURA, 2006).

Portanto, o estudo se dedica à exploração desse outro tipo arquitetônico frequentemente construído naquela época, conhecido como *chalet's*, e reitera a importância de analisar exemplares arquitetônicos voltados às camadas populares.

2. METODOLOGIA

O trabalho relacionado aos *chalet's* partiu da colaboração na pesquisa "Villas" e Casas de Catálogo: inventário da arquitetura residencial das primeiras décadas do século XX - Pelotas, RS. Inicialmente, a compreensão do contexto da cidade no início do século XX foi aprofundada com a leitura de Pereira (2021), Schlee (1993) e Cruz (1982). Esses autores pontuaram as mudanças sociais, políticas e arquitetônicas da época. Com esse embasamento e conhecimento dos objetivos da pesquisa, iniciou-se uma fase exploratória nos arquivos da Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana - SGCMU da Prefeitura Municipal de Pelotas.

Nessa etapa, fotografou-se os projetos arquitetônicos aprovados entre 1920 e 1924 e foram selecionados os mais pertinentes para análise, como parte do processo de compreensão do contexto da arquitetura residencial estudada. Nesta etapa, diante dos dados coletados, chamou a atenção do pesquisador a prevalência da tipologia dos *chalet's*, o que motivou uma investigação mais profunda, especialmente com base nas contribuições de Moura (2006). Com a temática escolhida, foram analisados individualmente os projetos arquitetônicos que incluíam *chalet's*, contribuindo para a construção de uma visão mais ampla do tópico.

Para contribuir com o estudo, foram consultadas fontes secundárias, incluindo dissertações, teses e artigos sobre a arquitetura residencial popular em questão e o período histórico abrangido pela pesquisa. A síntese dos dados dos projetos selecionados foi facilitada pelo uso de um software de planilhas, sendo que cada *chalet* foi analisado com ênfase em características como o nome do proprietário, nome do construtor, o ano de construção, o endereço, e a representação gráfica dos projetos (examinando se incluíam elementos como plantas baixas, cortes, fachadas e plantas de situação).

Buscando entender de maneira mais aprofundada o posicionamento dos exemplares na cidade, buscou-se identificar a localização aproximada das edificações na cidade atual. Essa etapa só foi possível graças a uma tabela de correspondências dos nomes das ruas de Pelotas, elaborada anteriormente pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira - NEAB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUrb UFPel. A partir dos endereços originais dos projetos (presentes nos documentos fotografados), foi possível identificar os nomes atuais das ruas citadas, e a partir disso, determinar as localizações aproximadas destes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Moura (2006) a partir dos Relatórios de Intendência do período estudado, nos anos 1920 a 1924 houveram 708 projetos de construção aprovados, sendo que desses 110 eram *chalet's*, que foram compreendidos nesta presente pesquisa. Esse número indica que no recorte temporal analisado os *chalet's* representaram um percentual de 15,53% do total de construções aprovadas, demonstrando que essa tipologia de moradia era bem recorrente no período e muito significativa para a compreensão da arquitetura em Pelotas no início do século XX.

Foi observado que os projetos arquitetônicos se referem a esses edifícios com uma variedade de nomes que são indicados nas pranchas originais, como por exemplo, "Chalete", "Edifício de madeira" ou somente "Prédio", sendo o mais recorrente o "*Chalet*", e por isso essa foi a maneira escolhida pelos pesquisadores para se referir a essas construções no trabalho aqui apresentado. Apesar da



diferença de nomenclatura percebe-se na análise que se trata da mesma tipologia construtiva, pois utilizam os mesmos materiais, ornamentos e programa de necessidades.

No Código de Construções e Reconstruções de 1915 foi proibida a construção ou permanência de residências de madeira na área que possuía rede de esgotos (Cap. IX Art. 31), sendo que esta compreendia quase a totalidade da área urbanizada da época (Limitada ao norte pela Av. Bento Gonçalves; ao leste pela rua Alm. Barroso; Oeste pela rua Manduca Rodrigues e ao sul pela rua Conde de Porto Alegre) (PELOTAS, 1920). Ou seja, os *chalet's* foram “banidos” para a periferia e junto com eles seus habitantes, os pelotences menos favorecidos (ver fig. 01). Para Alfonsin (2000) isso é reflexo de uma política segregacionista promovida pelo governo com o objetivo de afastar a camada da população menos favorecida para fora do centro urbano o máximo possível, como ocorreu em Porto Alegre com as avenidas Borges de Medeiros, Salgado Filho e Otávio Rocha que foram construídas sobre a área de antigos becos que foram demolidos e sua população desocupada sob o pretexto de “higienizar” e “embelezar” a capital gaúcha (ALFONSIN, 2000). Outro ponto de vista defende que essa medida foi tomada visando retirar da malha urbana o tipo de residência semi-rural que os *chalet's* representavam, se comparados a tipologia construtiva presente no centro (MOURA, 2006).

A pesquisa nos acervos de projetos arquitetônicos aprovados na SCGMU, identificou um total de 110 *chalet's* aprovados dentro do período estudado. Nesse sentido, com base nas informações presentes nos documentos consultados, foi elaborado um mapa com a localização aproximada de cada *chalet*.

Constatou-se que nos primeiros anos do recorte do trabalho, de 1920 até 1922, o lugar onde mais se implantou essa tipologia foi a Leste da Rua Almirante Barroso e a Norte da Av. Bento Gonçalves, bem próximo ao limite urbano (ver fig. 01). Vale ressaltar que esses trechos da cidade já existiam desde as últimas décadas do século XIX, mas estavam na periferia. Nestes anos também foram aprovados projetos de *chalet's* nas vilas operárias da Av. Duque de Caxias, mesmo que em menor número, pois essa direção a oeste do núcleo urbano era o novo eixo de ampliação da cidade no período, e possuía diversos parcelamentos para uma população menos favorecida (MOURA, 2006).

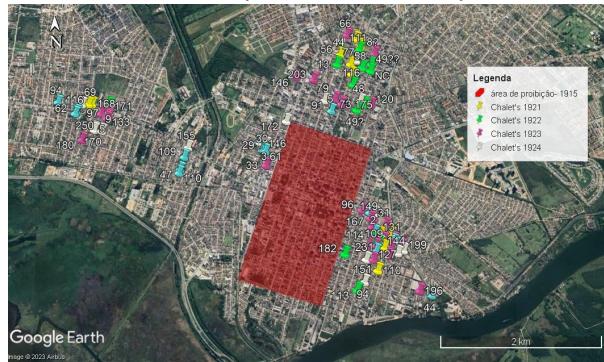


Imagen 1: Mapa da cidade de Pelotas atualmente com indicação da área proibida para implantação dos *chalet's* e sua localização aproximada. Fonte: Google Earth, modificada pelo autor.

Nos anos seguintes, de 1923 a 1924 percebeu-se uma forte expansão pelo Bairro Fragata (a oeste), mostrando que apesar da malha urbana pré existente ainda ser um forte ponto de atração para as camadas menos favorecidas, os bairros novos surgidos em Pelotas estavam se consolidando cada vez mais. Ainda

assim, essas áreas eram carentes de qualquer tipo de infraestrutura básica, como rede de esgotos, por exemplo. Esse fato reforça a hipótese de que as classes sociais mais baixas foram compelidas à habitar essas regiões, e que essa foi uma estratégia de organizar a cidade e o excedente populacional sob um ponto de vista estético e higiênico, separando as pessoas pela funções que elas exercem e por suas classes sociais (GILL, 2004).

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa colaborou para uma análise mais aprofundada dos saberes referentes às habitações da classe trabalhadora em Pelotas na década de 1920. Graças a metodologia adotada, foi possível verificar informações dos *chalet's* antes pouco observadas com afinco, como por exemplo, sua localização na malha urbana da época. Além disso, também representou um avanço significativo do trabalho a compreensão de como as políticas higienistas desse período influenciaram no crescimento da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSIN, B.M. Da invisibilidade à regularização fundiária: a trajetória legal da moradia de baixa renda em Porto Alegre – século XX. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - PROPUR, UFRGS.

CRUZ, G.P. Espaço Construído e Formação Econômico Social do Rio Grande do Sul. 1982. Dissertação de Mestrado - PROPUR, UFRGS.

GILL, L.A. Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930. 2004. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

HOMEM, M.C.N. Mudanças Espaciais na Casa Republicana. A higiene Pública e outras novidades. Pós, São Paulo, n.3, p. 7 - 65, 1993.

MOURA, R.M.G.R Habitação Popular em Pelotas (1880-1950): entre políticas públicas e investimentos privados. 2006. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado. São Paulo : Perspectivas, 2016.

PEREIRA, F. F. Arquitetura Feminina: um estudo do cotidiano e dos ambientes nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

PELOTAS. Código de Construções e Reconstruções 1915. Pelotas: Officinas Typographicas da Fabrica Guarany, 1920

SCHLEE, A.R. O Ecletismo na Arquitetura Pelotense até as Décadas de 30 e 40. 1993. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Propesp, UFRGS.